

Narrativas e cultura

Um encontro com Raimundo de Oliveira¹

Entrevistadores:

Maria Eduarda Caseira Gimenes e Thayla Fernandes²

Transcrição:

Daniel Henrique Ferreira³

198



Em uma manhã de abril, subimos o morro dos Alagoanos para entrevistar Raimundo de Oliveira, criador do Femusquim – festival de música de botequim – e figura importante na cultura capixaba, além de vivenciarmos o espaço e todos os atrativos que o morro tem a nos oferecer. Raimundo também é o criador da exposição “Favela Gentileza” que aconteceu na escadaria do palácio Anchieta, onde expôs 500 réplicas de casebres feitas de caixa de leite. Buscamos, nessa entrevista, refletir como é importante valorizar a cultura capixaba e a produção popular, inclusive, as pessoas que a impulsionam. O morro dos Alagoanos é um grande marco na nossa cultura, assim como o Femusquim vem se

destacando a cada dia. Segue, então, a entrevista.

¹ Nascido, criado e residente no Morro dos Alagoanos (Vitória-ES). Quem conhece seu trabalho é unânime em afirmar que ele "é a cara do morro". Raimundo era ainda adolescente com 14 anos quando começou a investir na melhoria das condições sociais de seu bairro. Daí em diante, essa se tornou a sua bandeira. Ele acredita em mudanças e acha que elas só virão por um caminho: o da educação. Também é agitador cultural do morro dos Alagoanos e um dos idealizadores do Femusquim - Festival de Música de Botequim - em Vitória.

² Graduandas em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

³ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Thayla: Raimundo, você sempre morou no Alagoano?

Raimundo: Eu digo que moro aqui antes de eu nascer. É porque eu tenho sessenta e cinco anos de idade e mais nove meses na barriga da minha mãe. Diria, logo, que tem mais de sessenta e cinco que moro aqui. Então, eu sou nativo do morro dos alagoanos.

T: E sua família é daqui de vitória?

R: Não. O meu pai é de Pernambuco e minha mãe de Vitória. A maioria das pessoas que moravam por aqui vieram do nordeste para trabalhar em construções. Concluindo as obras, as famílias pensavam: se formos para São Paulo, não teremos terra, se voltarmos para o Nordeste, não teremos trabalho, vamos ficar por aqui. Derrubaram algumas árvores e começaram a construir barraquinhas. E ao entrevistar os moradores aqui na época, todos, eram todos do estado de Alagoas. Por isso que ficou morro dos Alagoanos. Assim esta até hoje. Eu me lembro muito bem, aqui era uma floresta. Essa é a história desse morro, morro do Alagoanos. Esse morro que daqui uns quinze anos vai fazer cem anos. Eu sou nativo daqui.

T: E como é que você começou a se envolver com a cultura aqui? Como é que foi o início?

R: Antes de começar com a cultura, vim pelo social, e com a educação. Quando eu era criança, porque jovem eu sou até hoje... (risos). Quando eu era criança, eu tinha mania de estudar, só sei que isso aqui era uma favela horrível, sofrível o povo era doente, só havia barracos, miséria. Aquilo me preocupava, me maltratava, e naquela época eu comecei a olhar com olhos de mudança. Na época, eu era uma criança de onze anos, semianalfabeto, filho de pais pobres, mas, eu pude conversar com as pessoas e mostrar que podíamos mudar. Eu sei que naquela época era difícil, não havia ação social, não tinha nenhuma ação pelo meio ambiente, ecologia... Aí eu comecei a trabalhar e tentar ajudar essas pessoas. Porém, comecei a achar que doando estava fomentando a exclusão, fazendo muito pouco, alimentando a miséria. Aí me deu um estalo, pensei: “vou mudar minha forma de ação!”. Foi quando passei para o cultural. Qual foi minha ação? Fui para a natureza, comecei a plantar árvores. Mas não eram muitas. Comecei passar a plantar quatro ali, uma aqui... Os músicos e artistas vinham apadrinhar as árvores. As pessoas vinham para apadrinhar e eu passei a fazer amizade com todas elas, passei a conhecê-las. Parti para a música também. Criei o Femusquim - Festival de música que botequim. Valorizando a música brasileira, o clássico da música brasileira. Só o clássico mesmo. Busquei o dia nacional do chorinho, quando foi instituído. Procurei os clássicos, Ary Barroso, busquei Mario de Andrade, na literatura, para o falar poético. O Femusquim dá valor à verdadeira música brasileira, o melhor da música. E sempre, é claro, busca valorizar o repertório local. Aí eu fiz um gancho, cem anos de aniversário do Carlos Drummond Andrade, fiz uma homenagem. Fui mais além agora. Fiz a campanha da gentileza, criei a escada da gentileza. Por quê? Porque passei a [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - \[revistasimbiotica@gmail.com\]\(mailto:revistasimbiotica@gmail.com\)](#)

perceber que as pessoas passavam entre si e não se cumprimentavam. Passavam assim umas pelas outras, sem nem se olhavam. Aí pensei, isso é falta de educação, as pessoas passam e não se cumprimentam. Igual eu fiz com vocês ali agora, o mínimo, dar um abraço, se cumprimentar. Comecei a encontrar as pessoas na rua e dar um abraço, dar bom dia, boa tarde e boa noite, gentileza gera gentileza, e isso criou um resultado positivo. Aproveitei o gás que está tendo, levei para as escadas do Palácio Anchieta e fiz também. Por tudo isso eu agradeço muito a chance. Isso começou quando eu tinha onze anos, agora eu tenho sessenta e cinco. Temos mais cinquenta e quatro pela frente.

T: Como você faz a mobilização dos artistas para participarem? São daqui dos Alagoanos?

R: São dos Alagoanos e são de fora do Espírito Santo. A princípio, a primeira leva do trabalho não é fácil. O primeiro trabalho eu diria para vocês que foi muito difícil eu convencer o artista. Sem dinheiro, sem patrocínio, mas eu consegui sensibilizar e aconteceu o primeiro Festival de Música de Botequim, o Femusquim. Então fizemos o segundo, o terceiro, fizemos o quarto, fizemos o quinto, até que as pessoas de fora se sensibilizaram e começaram a nos ajudar. (interrupção para as pessoas cumprimentá-lo). É, é, é, e a partir do oitavo as pessoas começaram a ajudar. Graças a Deus! Arranjamos parceiros. Então, o primeiro o segundo o quarto eu fui sozinho, depois do sexto com parceiros. E agora no nono a prefeitura, a FAMES e a lei Rubem Braga também. Vi que temos que dar o primeiro passo, não podemos ficar “ah, mas eu não, mas eu não, mas eu não consigo ir longe”. Se ficarmos esperando o tempo passa e ficamos no mesmo lugar, então temos que atirar e ir em frente. Também é um pouco de desafio, temos que nos superar, superar nossos limites, entende? (interrupção para cumprimentos). Então, isso aí é uma proposta velha, mexer na autoestima do povo. Pela primeira vez eu fui saber o que era autoestima. A proposta é mexer com a autoestima desse povo. Para muitos a autoestima se resume ao time de futebol, e não é bem assim, temos que mudar isso. É assunto para dias.

M^a Eduarda: Acho que é porque como a sociedade impõe um padrão, e a favela ou a comunidade não se encaixa nesse padrão, isso mexe com autoestima do povo, fica abalada. Você está tentando resgatar as qualidades que a comunidade tem e que estavam apagadas.

Raimundo: Mas a favela produz cultura. O samba, aonde está a maior expressão popular do mundo? Na favela. A maior escola de samba do mundo, a mangueira? Na favela. Aonde está o novo império? Na favela, sabia disso? As favelas do Rio de Janeiro. Aonde saíram os maiores poetas? Adoniram, Pixinguinha? O Pixinguinha não morava na Zona Sul, o Noel rosa não morava. Por serem moradores de morro as pessoas só veem algumas coisas, não veem outras. Não deram a chance de eles estudarem, digamos, de serem músicos clássicos, mas deram um dom de escreverem melodias maravilhosas, inesquecíveis. E isso não se aprende

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

em faculdade. Quer dizer... Isso é dom, e esse dom só esta no povo do morro, na favela. Você pode chegar lá na Praia do Canto, ou lá na Praia da Costa ou em Copacabana, eles não escrevem nada, mas, sabem pegar a caneta e fazer um desenho de um prédio, um projeto, já o morro não faz isso, esse projeto, faz uma música melódica, faz um samba.

M^a: Tem vários engenheiros que precisam olhar e entrar numa sala, medir várias coisas e um pedreiro que chega e só de olhar já sabe.

R: A prática lhe dá essa, essa sabedoria.

M^a: Ele não sabe a teoria, mas ele já sabe de tudo.

R: Ele não sabe com detalhe, mas tem a técnica. E você observa na periferia você vê um, dois, três, quatro pavimento, sem coluna, sem viga, feito quase como que por um artesão. Olha como está ficando bonita!

M^a: Quais foram as suas maiores dificuldades no começo?

R: Meu maior adversário foi o Estado. O Estado é muito omissos. Quando eu falo o Estado, eu falo os três poderes. São muito omissos. Não se preocupam em melhorar ou mudar o povo. Mas o povo tem uma parcela de culpa porque esqueceu que tem poder e direitos. Em época de campanha, os políticos vêm aos morros com a maior humildade, depois de eleitos eles ganham o título de excelentíssimos e o povo que os elegeu não têm acesso a eles, e por aí vai. Então eu digo que o nosso maior adversário em épocas passadas foi o Estado, hoje ainda continua sendo, mas bem menos.

T: Existiu uma diferença então da passagem do Paulo Hartung para o Casagrande?

R: Na verdade eu não vejo grandes diferenças.

M^a: Eu queria saber também das maiores dificuldades suas no início.

R: Não, é o que eu estou te falando aqui, foram muitos, mas o estado sempre foi o maior adversário. Hoje bem menos, mas...

M^a: No início também?

R: Sempre...

M^a: Agora tem até um apoio, né?

R: Quem dá voz ao povo nunca interessa tanto ao estado.

M^a: E era o que ele menos queria, dar força...

R: Era o que ele menos queria, era o povo ficar responsável, consciente, né, o povo saber, o povo cobrar os seus direitos e cumprir o seu dever. Porque da mesma forma que eu critico o estado, também critico o povo que joga lixo na rua. Eu falo: meu senhor, o carro passou agora, tem meia hora, agora só amanhã o pessoal vai tirar isso daí. Sou chamado de antipático por muitos, é, sou chamado de antipático por muitos por isso.

T: E você sente que seu trabalho está saindo do morro, já está tendo contato com outros lugares?

R: Mas já! O morro do Alagoano hoje não é mais do Morro do Alagoano, até porque fui, uma certa vez, numa palestra para empresários e deram como exemplo o morro do Alagoano. Eu



não havia pedido para falar nada de mim ou do morro com os empresários. Disseram que lá havia um cidadão provocando mudanças e transformações, ele sozinho ou talvez com mais uma pessoa peitando tudo, um trator aquele moço. Eu estava na plateia, não conhecia nada, não sabia, quando acabou foi até a mim e disse: “O senhor estava aqui? O senhor esta de parabéns, é uma locomotiva. O senhor não para, acompanho pela imprensa, esta fazendo coisas que... Às vezes, porque tem muitos anos que vejo, o senhor esta de parabéns, não é só um transformador, é um agente social”. Eles são meus amigos hoje. E você vai lá no Google, você

clica lá Raimundo de Oliveira, do morro dos Alagoanos, ou Femusquim, tem depoimentos, cada um emocionante, de varias partes do Brasil. Eu viajo , eu viajo... Para onde que eu viajei

agora? Fui para a Paraíba, João Pessoa, fui a São Paulo, vi como as pessoas reconhecem, me conhecem e reconhecem. É legal!

T: Você chegou a levar algum festival para lá?

R: Não, não, mas existe a imprensa, a mídia que levam essas informações.

T: Quando é que vai ser o próximo Femusquim agora?

R: Vinte três de Abril de dois mil e treze.

T: Você sabe quantos projetos vem desenvolvendo atualmente?

R: Olha só, tem o Femusquim, tem os alunos da escola de chorinho, temos agora o projeto “gentileza gera gentileza”. Mas, paralelamente eu estou ligado em cultura, a gente não perde oportunidade, tem gente até pousado na lua, a gente aqui na terra não para, é difícil ficar parado.

M^a: Qual a importância da cultura?

R: A cultura é importante para formar o cidadão, você com cultura, você tem um conhecimento diferente. Você com cultura você é um cidadão. Você forma cidadão, e, na verdade o cidadão existe se tiver o CPF e pagar imposto, mas para você ter o seus direitos, você com cultura passa a ser outra pessoa, entende? Você tem outra postura, você é visto de outra forma, né? Você é tratado com respeito. Cultura é a historia de um povo. Então são coisas assim, a ausência da cultura num homem o maltrata, sacrifica. Vira refém da sociedade.

M^a: E o papel da arte?

R: A arte te eleva o espírito, a alma. Por exemplo, quando eu vou à livraria, eu respiro mais fundo. Ou então quando eu viajo, eu não deixo de entrar numa livraria. Igual esse mês agora, a partir desse mês agora eu vou comprar um livro, todo salário meu, vou comprar um livro por mês, vou ler doze livros por ano. Eu vou comprar. Eu organizei agora. A sabedoria te provoca. Eu diria para vocês agora, vocês que estão estudando, hoje é sábado, o sol tá bonito, dá para pegar uma praia, pra você ver, isso é uma fortuna. Muitas dessas meninas

estão agora vendendo picolé, muitas meninas daqui indo para praia, pensar na UFES hoje, ou outra faculdade qualquer, é para longe da realidade delas. Minha filha, eu tinha um coral



aqui no morro, coral infantil, um coral de trinta vozes, uma luta pra tocar, pra manter, mas conseguimos. Mas, depois tinha que acabar, não tinha como, puxa vida! Trinta vozes! Nós conseguimos por um tempo. Depois, vinte entraram no crime, trinta vozes, vinte entraram e eu só salvei dez. O que é que eu fiz de errado? Aí as pessoas me chamaram a

atenção: - “Calma Raimundo! Você salvou dez. E quem não salva nenhuma?”. Aí, dessas dez, hoje agora, oito trabalham de balcão, não é desmerecer não, pelo amor de deus, trabalham de supermercado, embalador. Só duas... Só uma esta pensando ir pra faculdade. Então eles não têm pretensão, eles não pensam em estudar. Não é para ser patrão, mas você estudar e poder escolher, vai fazer economia, engenharia ou vai fazer direito, alguma delas, mas não, é tudo para o supermercado... Quer ser embaladora de supermercado?

T: Ah, se eu quero? Não.

R: É o sonho de consumo deles, porque não tem a possibilidade de ir mais além daquilo ali, porque não estudou, porque não estudou. É o máximo.

M^a: Você engloba arte nos seus projetos, né?

R: Arte e cultura, eu digo o provocador, você entende? Mexe! Então se a pessoa fala bom dia, que legal! Parabéns. Então, você vê que aquelas obras que são tratadas aqui, primeiro que é um mundo diferente do cotidiano deles, as pessoas, as músicas, e por aí vai!

M^a: Você é o grande provocador disso!

R: Sim, sim, sim, somos formadores de opinião. Porque é muito comum aqui, as pessoas, quando falta água, falta luz, é muito longe, demora, me pedirem para reclamar. Aí eu falo:

“eu não vou reclamar, porque a água faltou, tem no talão um numero 18 qualquer coisa, ligue para lá, você também tem que sair do ócio, você é cidadão! Se você tem o talão, é porque você paga, logo você existe!” Então quer dizer, querem que eu reclame, eles não têm voz, ou vozes, né? Eles não têm. É, é, é, é, se o ônibus demora, tem que reclamar na empresa, reclama você! É difícil isso, sabia menina? Pelo amor de deus! Eles não sabem, eles acham que se ligarem para seu José eles vão ser maltratados, e eu sou Raimundo eu vou ser bem tratado. Você é cidadão, aqui você paga água, você paga luz, você paga imposto, você paga IPTU, logo você existe.

T: Eu queria dar uma volta pelo Alagoano.

M^a: Vamos dar uma volta?

R: Claro, não teria graça sem dar uma volta...

